

“apenas a poesia nos diz quem somos”

(Recensão sobre *dias desiguais*)

Os caminhos não são mais do que sinais daquilo que num corpo é profundo e nomeador. Os caminhos pertencem-nos e só nós os podemos trilhar, ainda que com uma multidão em volta que chamamos para perto, depois fraccionada na solidão e na liberdade desse cada um que, existindo, lê.

Este livro é um sinal profundo e uma marca clara do percurso literário de João Ricardo Lopes, sempre em busca de elementos que tornem o texto poético numa versão integradora da existência.

Este caminho leva a um ser. O ser que aqui se propõe é fruto de uma leitura muito próxima daquilo que é significativo para os demais e essencial na edificação do sujeito que se ergue, se confronta e comunica. O ser palavra.

Não é nova, neste autor, a aspiração de encontrar para a palavra uma justificação válida que a eleve à categoria de corpo com o qual se contrastam experiências e sensações, códigos e linhas estéticas, pensamentos e emoções. Nesta obra, esta intencionalidade é mais visível que nas anteriores, assumindo-se como indicação de rumo:

“Princípio.

antes mesmo do princípio
fome, negro, branco, vazio
olhos nos olhos com deus
uma vaga impressão pedia
que olhasse secretamente
para muito perto das coisas”.

A recorrência a elementos do quotidiano e da natureza dá-nos conta do quanto se pretende que a poesia circule e transforme o lado interior dos caminhos comuns, às vezes fechados ou que se auto-limitam perante a interpretação poética. Que poesia se encontra num prato quebrado, nuns velhos

sapatos, no antes, no durante e no depois das trovoadas, nos cães da rua, nas hospedarias, etc? Toda a poesia. A poesia justificada de modo notável pela expressão «as palavras empoemando».

Em «dias desiguais» voltamos à questão, também colocada nas obras anteriores, relativamente à origem do poema, à existência da palavra procriadora de sentidos. Este livro está dividido em três partes, partes essas em que nos confrontamos com textos de natureza metapoética (1^a parte), com exercícios de um lirismo centrado na relação com o “outro” no plano do amor e do erotismo (2^a parte) e, por fim, os textos que nos deixam uma inequívoca intencionalidade, evocada no poema «Princípio», repetidamente trabalhada através de um rasgo de proximidade implicada e, por vezes, irónica sobre o quotidiano, a partir do qual emerge o acto poético, devolvendo ao leitor uma interpretação do mundo na brevidade profunda e mágica do poema.

O percurso de João Ricardo Lopes observa uma coerência que resulta, não só no plano temático, mas sobretudo no persistente intuito de aprofundar uma linguagem e criar uma lugar próprio no panorama literário, com tudo o que isso possui de difícil e apaixonante. A importância deste autor, no panorama da nova geração de poetas portugueses, reside na inquestionável e incondicional expressão de autonomia no processo criativo, proporcionando a quem lê o privilégio de se deparar com o que é novo e acrescenta ao imaginário comum.

Em «dias desiguais» abre-se uma janela sobre a poética do tempo, das coisas, das pessoas e dos lugares, fruto do comprometimento do seu autor e, como consequência natural, de quem com essa mesma poética se confronta. Assistimos, ao longo destas páginas, à evocação de uma beleza extraordinariamente ampla e livre, por resultar do que não é explícito, simplista ou gratuito, condição imprescindível ao reconhecimento da arte, preceito esse sempre defendido pelo seu autor.

Este livro é um trabalho extremamente conseguido, onde é sugerida uma redescoberta existencial por via da poesia, com base no que dos dias comuns decorre, em toda a sua inquietude e beleza, ainda que tão desiguais, ainda que tão cheios de faces que chegam e que partem e se multiplicam em interpretações tão díspares, tantas quantos os sentimentos que nos deixam ou que fazem nascer.

Estes «dias desiguais» constituem uma visão madura e frontal do nosso tempo, no seguimento do que já fora a obra anterior, magnificamente intitulada «contra o esquecimento das mãos», aprofundando agora ainda mais a convicção, a que me associo, num plano identificador da nossa significância no mundo: «por essas ruas até mais para dentro/apenas a poesia nos diz quem somos».

Entendo que um posfácio não serve para fechar uma leitura, mas para suscitar outras, por isso termino evocando a mais bela questão desta obra onde quase tudo se define sobre a forma de uma interrogação:

«(...) dizem que a cor dos sonhos é impossível
– como tudo aquilo que se perde com o tempo –
mas nunca ninguém soube explicar-me
como pode um simples olhar uma vez
deixar-nos tão perto de outra coisa».

Fafe, 15 de Junho de 2005

Pompeu Miguel Martins